

**Antonio Carlos Castrogiovanni [et al.] (org.): *Movimentos para ensinar Geografia – oscilações*. Porto Alegre: Editora Letra1, 2016.**

O livro “Movimentos para ensinar Geografia” é organizado por quatro professores vinculados ao Núcleo de Estudos em Educação e Geografia (NEEGEO), da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e apresenta textos de diferentes autores, desde alunos egressos do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS até professores colaboradores deste grupo e de diferentes universidades brasileiras e estrangeiras, resultantes de suas inquietudes a respeito do trabalho sobre a educação geográfica em diversos movimentos e oscilações, como os próprios organizadores preferem nomear.

Este material encontra-se estruturado em quatro partes e dezoito capítulos, que por mais que estejam separados em temas específicos compartilham de uma mesma concepção da ação de ensinar e aprender Geografia, que é de compreender que a “prática docente [...] se MOVIMENTA e OSCILA para acompanhar uma realidade escolar que precisa ser movimentada de diferentes maneiras, para fugir das dinâmicas repetidas e ensaiar novas possíveis oscilações” (CASTROGIOVANNI, 2016, p. 15).

A primeira parte tem como título “Movimentos que vem do Além Mar” e possui três artigos de professores estrangeiros. O texto que abre esta parte é de autoria de Alfonso García de la Vega intitulado “La narración del paisaje y su relación con la adquisición de los conceptos geográficos”, que se propõe a discutir a análise da paisagem a partir de descrições de viajantes como documentos geográficos e tornar esses materiais mais próximos do trabalho escolar, tendo por referência os conceitos geográficos presentes nestas narrativas. O segundo texto “Trabajar el problema de la convivencia en el espacio escolar: una experiencia de enseñanza de las ciencias sociales en un entorno marginal de Sevilla”, de José Antonio Pineda-Alfonso, apresenta o relato de um projeto realizado em uma escola no subúrbio da cidade de Sevilha (Espanha) tendo como temática os conflitos de fronteira, segregação e desigualdade social para os alunos desta escola, a partir do desenvolvimento de diversas atividades que tinham como objetivo promover um debate crítico e buscar soluções coletivas sobre essas questões atuais para este espaço. O artigo que encerra esta primeira parte do livro tem como título “La identidad escolar europea: la creación un mito territorial”, no qual Odiel Galán Olcina e Xosé M. Souto González discutem sob o ponto de vista crítico como os livros didáticos de História e Geografia têm contribuído para a construção de uma identidade escolar europeia, que segundo os autores reflete em um mito territorial. Neste texto fica evidente como esses materiais didáticos se utilizam dos ideais da integração para forjar a construção de um território tão diverso e múltiplo como o europeu.

A segunda parte do livro está intitulada “Movimentos que embora provisórios, nos movem com mais segurança no ensinar Geografia” e é composto por quatro textos que provocam reflexões acerca de algumas questões que movimentam a inquietude do mundo.

Roberto José Ramos é quem assina o primeiro artigo desta parte, sob o título “A educação e o conhecimento: uma abordagem complexa”, que nos propõe uma análise pertinente sobre o processo de construção da educação brasileira que foi fortemente influenciada sob a ótica de perspectiva cartesiana. Para este autor torna-se necessário reconhecer a importância do paradigma da complexidade para ampliar o trabalho educativo. O artigo que segue tem como título “O estágio supervisionado na formação de licenciados em geografia na UFSC: compartilhando experiências” de autoria de Kalina Salaib Springer, Aloysio Marthins de Araújo Junior e Orlando Ednei Ferretti. Neste texto os autores apresentam a experiência do projeto de estágio supervisionado realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), disciplina que comumente revela os conflitos de ensinar e aprender no processo formativo dos alunos de licenciatura. Como proposta para superar os desafios, estes professores indicam o desenvolvimento de um estágio que valora a prática profissional como elemento chave para formação inicial dos futuros docentes. O texto “O ensino por competência: o motor das reformas educacionais”, de Cristiane Maciel de Souza Andrade Roselane Zordan Costella, analisa teoricamente como o novo currículo da educação básica no Brasil, que está em processo de avaliação final, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), se aproxima da proposta de ensinar por competências e suas consequências a partir disso na estruturação dos conteúdos e habilidades escolares. Os professores Victor Hugo Nedel Oliveira e Nestor André Kaercher nos apresentam o artigo que encerra esta parte intitulado “O jovem contemporâneo e a geografia escolar: tão perto e tão longe”, o qual resulta de uma investigação que buscou reconhecer e valorizar as práticas juvenis como elementos, contextos e conteúdos pertinentes ao desenvolvimento de uma geografia escolar que se aproxime mais desses sujeitos.

A terceira parte tem como título “Movimentos iniciais e continuados no ensinar Geografia” e possui cinco textos que apresentam experiências e propostas para o trabalho de geografia escolar em diferentes contextos e com distintos conteúdos. O primeiro texto é intitulado “A alfabetização geográfica como um compromisso do pré-vestibular popular”, escrito por Renan Darski, faz uma análise interessante sobre de como os cursos preparatórios para ingressar na universidade, destinados a população de baixa renda, contribuem para uma formação além dos conhecimentos científicos dos seus participantes, numa perspectiva de colaborar com as práticas cidadãs e na construção de uma efetiva alfabetização geográfica. O artigo seguinte, “A dialógica entre a Cartografia no ensino básico e o sistema de informação geográfica nos pleitos territoriais” assinado por Antonio Carlos Castrogiovanni e Paulo Roberto Florêncio de Abreu e Silva, propõe um trabalho muito pertinente com a utilização do Sistema de Informação Geográfica (SIG) nas aulas de geografia para a compreensão do conceito de território. Para isso os autores reconhecem a importância dos elementos e habilidades cartográficas no entendimento dos pleitos territoriais e na própria concepção de geografia. O seguinte texto, de autoria de Leonardo Pinto dos Santos e Roselane Zordan Costella, tem como título “Jean Piaget e a construção do conhecimento: o mito da caverna”, apresenta um

debate sobre como a Epistemologia Genética pode ser analisada a partir do processo de aprendizagem dos jovens escolares a partir de conteúdos e conceitos geográficos. A professora Márcia Hahn Solka é a autora do artigo “Pesquisa-ação docente pela alfabetização cartográfica de sujeitos em Geografia: será a avaliação um caminho mediador desse conhecimento?”, que discute a importância do processo avaliativo para o trabalho docente a partir do desenvolvimento de propostas vinculadas a alfabetização cartográfica, valorizando a cartografia como meio e não como um fim. O artigo “Um diário de aventuras: a alfabetização espacial na aprendizagem na educação de jovens e adultos – EJA”, de Antonio Carlos Castrogiovanni e Nataniel Antonio Vicente, se ocupa em analisar o processo de alfabetização espacial para os alunos da Educação de Jovens e Adultos, para isso os autores reconhecem que é necessário desenvolver um trabalho diferenciado para este público. Como proposta, eles nos apresentam um percurso didático a partir de práticas que valorizem os espaços vividos, leituras de linguagens espaciais e com a utilização de notícias vinculadas na mídia.

A última parte, intitulada “Movimentos particulares e necessários à constante ação e reflexão no ensinar Geografia”, tem como fio condutor o ato de pensar e agir numa relação dialética e que estão presentes nos seis textos que compõem a quarta parte deste livro. O primeiro artigo, “Fugir do tédio e do denunciamento: mestres com fome e em busca de ensino e aprendizagem significativas”, de autoria Nestor André Kaercher, apresenta algumas reflexões pertinentes de trabalhos de mestrados orientados por este professor que permitem provocar e questionar algumas verdades consideradas sólidas na geografia, seja no campo das ideias ou na prática didática desta disciplina escolar. As professoras Romise Inez de Lima e Ivaine Maria Tonini nos apresentam o texto “Na sala de aula: a África de meus alunos”, o que se ocupa em analisar criticamente a percepção e a leitura que os alunos do 8º ano do ensino fundamental fazem sobre a África, buscando superar o pensamento colonial hegemônico que está fortemente presente na sociedade. O texto “Olhar entre as páginas: o consumismo nos livros didáticos de geografia”, de autoria de Clarissa Imlau de Moraes e Ivaine Maria Tonini, realiza um debate acerca da presença da ideia de consumo presente nas imagens/fotografias que estão nos livros didáticos de geografia. As autoras reconhecem que mesmo existindo uma leitura crítica nos textos desses livros, a imagem continua sendo um elemento forte e que pode reforçar a construção de uma ideia restrita de mundo. O artigo seguinte tem como título “Os arredores da escola: lugarizando a aprendizagem, vivenciando a geografia por meio de maquetes e cordel”, assinado por Jussê Bittencourt Hahn e Nestor André Kaercher, propõe atividades para desenvolver o conceito de lugar a partir do que os autores chamam de *lugarizar*, que refere-se ao ato didático de fazer com que o aluno compreenda que tem a possibilidade de atuar sobre o espaço que vive e, assim, ser capaz de transformá-lo. Christiano Corrêa Teixeira e Antonio Carlos Castrogiovanni são os autores do texto “Que Geografia há na educação para o campo?” e fazem uma leitura crítica sobre a proposta pedagógica da Educação do Campo no Brasil, a partir dos livros didáticos aprovados no Programa Nacional de Avaliação do Livro Didático (PNLD) de 2016 e sua relação com

os conteúdos e temas geográficos. Por fim, o último texto desta parte é intitulado “Linguagem cartográfica e Geografia Escolar: experiências formativas na iniciação à docência”, de Jussara Fraga Portugal, Alana Cerqueira de Oliveira Barros e Maristela Rocha Lima. Neste artigo as autoras nos apresentam uma experiência formativa realizada no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) por meio de oficinas que valorizavam a utilização da linguagem cartográfica como conteúdo e metodologia para as práticas escolares de geografia, no qual o processo de formação é duplo - formação inicial e continuada.

Em suma, pode-se compreender pelos dezoito artigos deste livro que os debates e as propostas presentes nos indicam os diversos movimentos que existem no campo da geografia escolar. Esta multiplicidade de caminhos e o reconhecimento dos desafios revelam que o fazer geográfico se constitui no exercício da ação, do diálogo e da transformação.

*Denis Richter*

*Universidade Federal de Goiás - UFG*